

Antero Palma-Carlos, presidente da SPAIC entre 1982 e 1985:

“FUI EU QUE BATIZEI ESTA ESPECIALIDADE,

Foi médico numa altura em que se viam os testes às alergias como “bruxaria” e no mandato como presidente, que decorreu entre 1982 e 1985, acabou por ver a Imunoalergologia ser considerada especialidade e a ministra Leonor Beleza aprovar a contratação de quadros no Sistema Nacional de Saúde.

Antero Palma-Carlos entrou para a Sociedade Portuguesa de Alergia (SPA) – atual SPAIC – em 1962. Mas foi em 1975 que, juntamente com Robalo Cordeiro, tentou dar outra vida à APA. “Quase não tinha atividade, apenas uma dezena de sócios, logo estava tudo por fazer”, refere. Tornou-se seu presidente em 1982, desempenhando o cargo até 1985. Entre as várias iniciativas tomadas, conseguiu revitalizar a Sociedade, ver nascer a Imunoalergologia e dar início a contactos internacionais.

Um dos principais marcos do mandato de Antero Palma-Carlos foi, de facto, ver-se a Imunoalergologia ser reconhecida como especialidade. “Na altura, apresentei à Ordem dos Médicos a proposta desta área da saúde se tornar uma competência ou uma especialidade. Felizmente, vingou a última.” O próprio nome é da sua autoria. “Fui eu que batizei esta especialidade, sou o seu padrinho. A escolha deveu-se ao facto de ser uma área clínica que congrega a imunologia e a alergia.”

Foi um passo decisivo para fazer vingar uma área clínica desprezada até então. “A partir daí, reuni-me com a então ministra da Saúde, Leonor Beleza, que muito contribuiu para a existência de quadros hospitalares na Imunoalergologia, assim como para o início do internato.” E acrescenta: “De outra maneira, continuaríamos apenas a ter algumas consultas privadas, não acessíveis a toda a população.”

Quanto à SPAIC – já tinha esta denominação no mandato de Antero Palma-Carlos –, rejuvenesceu. “Foi crescendo, o número de sócios foi aumentando, as reuniões tornaram-se

mais constantes.” Um trabalho árduo, mas “muito gratificante, ao ver que os imunoalergologistas já começavam a ter um papel importante na sociedade portuguesa”.

Mas se Portugal ganhou com o reconhecimento da especialidade, o mesmo aconteceu com outros países. “O objetivo era estabelecer contactos internacionais, pois, ficamos sempre todos a ganhar”, salienta Antero Palma-Carlos. Nesse sentido, acabou por estar liga-

Um dos principais marcos do mandato de Antero Palma-Carlos foi, de facto, ver-se a Imunoalergologia ser reconhecida como especialidade.



do à UEMS (Union Européenne des Médecins Spécialistes), como presidente, e conseguiu lutar pelo reconhecimento da especialidade noutros países. “Simplesmente, não existia, só a França e a Alemanha a consideravam como uma subespecialidade. Depois, em 1986, passaria a ser vista como especialidade a nível europeu.”

Quando se fala na SPAIC, Antero Palma-Carlos considera que é preciso ver o que se fez no mandato, mas tam-

bém após o mesmo. “A Sociedade prima pela inovação, em cada mandato, mas também pela continuidade, porque trabalhamos todos para o mesmo fim.”

Quanto à evolução das doenças alérgicas, considera que é inevitável face às alterações ambientais. “Vivemos em cidades onde impera a poluição, há cada vez menos espaços verdes – apesar de algumas iniciativas já começarem a fazer a diferença –,

SOU O SEU PADRINHO”



a alimentação é à base de produtos pré-feitos, que incluem muitos conservantes.”
A Imunoalergologia tem, no seu entender, um papel decisivo nesta realidade e é com bons olhos que vê a sua evolução, principalmente a nível do conhecimento e da terapêutica. “Ainda me lembro de ter criado, em 1961, um serviço onde se tratava as doenças alérgicas. Quando recorríamos aos testes, os alergologistas eram considerados bruxos por an-

darem a picar o braço dos doentes. Os colegas de profissão viam-nos, assim, como feiticeiros e médicos pouco qualificados”, recorda.
Contudo, é com tristeza que vê os cortes na contratação de novos quadros, devido à crise dos últimos anos. “Esperemos que esta situação mude, porque não se trata apenas de manter o futuro profissional destes médicos, mas de permitir, numa altura em que existem tantos doentes alérgicos, que mais

peçoas possam ter acesso à especialidade.”

Quanto ao atual presidente da SPAIC, Luís Delgado, considera que “já há muito que devia ter ocupado o lugar.” Acredita que é a pessoa indicada para levar a Imunoalergologia a bom porto do ponto de vista ético, profissional e científico.

“A Sociedade prima pela inovação, em cada mandato, mas também pela continuidade, porque trabalhamos todos para o mesmo fim.”

A Imunoalergologia tem, no entender de Antero Palma-Carlos, um papel decisivo e é com bons olhos que vê a sua evolução, principalmente a nível do conhecimento e da terapêutica.



Tem sido uma longa carreira dedicada à Imunoalergologia, desde os tempos em que a especialidade ainda não era uma realidade em Portugal. Atualmente, é diretor clínico do Centro de Alergologia e Imunologia Clínica, em Lisboa e, nos tempos livres, dá preferência a momentos musicais, como o Triângulo Si-Benol. Outros gostos são História e Belas Artes.

Com uma carreira nacional e internacional muito preenchida, foi fundador e diretor da Unidade de Imunoalergologia do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, coordenador das áreas de Imunologia Clínica, Imunoalergologia e Medicina Interna da FMUL.

A coordenação da Luso-Transplante – Centro de Histocompatibilidade do Sul (1992-1998) foi outro dos cargos em que se destacou, tendo sido também presidente da UEMS e da EAACI, entre outros.

Face à sua dedicação e trabalho, recebeu várias distinções, como a Medalha de Ouro da SPAIC, a Medalha de Dedicção, a Jubilar e a dos 100 anos da FMUL.

Marianela Vaz, presidente da SPAIC entre 1986 e 1992:

“ERA UMA SOCIEDADE MUITO PEQUENA E

Foi presidente da SPAIC em dois mandatos seguidos. Marianela Vaz acompanhou a Sociedade numa altura difícil, quando se tentou a abertura à restante sociedade médica, para que conhecessem o trabalho desenvolvido por um grupo de profissionais “de grande qualidade que, simplesmente, eram desconhecidos e um tanto ou quanto desvalorizados entre os pares”.

Marianela Vaz cumpriu dois mandatos como presidente da SPAIC, entre 1986 e 1992, quando estavam a nascer os serviços de Imunoalergologia, após a especialidade ter sido reconhecida. “Era uma Sociedade muito pequena e fechada”, recorda. Olhando para esse período, Marianela Vaz relembra que se tentou atrair os especialistas para se tornarem sócios da SPAIC e apresentarem o seu trabalho no país e no estrangeiro e “manter intacta a independência da especialidade, que era ainda muito frágil”.

“O ponto essencial foi mesmo a tentativa de abertura à restante sociedade médica, para que conhecessem o trabalho desenvolvido por um grupo de profissionais de grande qualidade que, simplesmente, eram desconhecidos e um tanto ou quanto desvalorizados entre pares.”

A situação foi mudando com os anos, mas, enquanto foi presidente, “o ponto essencial foi mesmo a tentativa de abertura à restante sociedade médica, para que conhecessem o trabalho desenvolvido por um grupo de profissionais de grande qualidade, que simplesmente eram desconhecidos e um tanto ou quanto desvalorizados entre pares”.

Foi também enquanto presidente que foi eleita *member-at-large* do Comité Executivo da Academia Europeia de Alergia e Imunologia Clínica – cargo que exerceu durante três anos – e que começou a ir mais frequentemente ao estrangeiro. “Nessas reuniões, aprendi muito sobre a realidade além-fronteiras da especialidade e vi o que ainda era necessário fazer em Portugal.”

Seguiu-se a abertura à Academia Luso-Brasileira, que também trouxe mais-valias ao país. “O contacto com outras vivências foi crucial no desenvolvimento da SPAIC que, como já referi, era muito tímida.” Segundo Marianela Vaz, os momentos menos dinâmicos justificam-se pelo facto de a especialidade de Imunoalergologia só ter sido reconhecida em 1982.

Mesmo assim, foi criada a *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*. “Anteriormente, só se tinha um pequeno boletim e com a revista conseguiu-se publicar atempadamente mais trabalhos científicos dos investigadores portugueses, que davam a conhecer o que de melhor se fazia no país.” A criação da rubrica “A Alergologia e o Clínico Geral” refletiu a nossa preocupação em manter a Clínica Geral integrada nas atitudes de diagnóstico e terapêutica em doentes do foro imunoalergológico.

Foi também durante o período em que assegurou a presidência da SPAIC que foram revistos os estatutos.

Fazendo um balanço da evolução das doenças alérgicas, Marianela Vaz reconhece que estamos, de facto, na era

das alergias. “Há cada vez mais pessoas a sofrer de alergias e algumas bastante complexas. O ambiente também



FECHADA”

contribui para isso, porque existe cada vez mais poluição, a comida tem muitos conservantes, o consumo de tabaco aumentou e o sistema imunológico ressurte-se, inevitavelmente”, salienta. Quanto à especialidade, considera que a Imunoalergologia melhorou bastante com os novos conhecimentos e terapêuticas, as novas formas de abordar a

doença e o doente. A preocupação está sobretudo no acesso equitativo à especialidade, tendo em conta os cortes na contratação de quadros para o Serviço Nacional de Saúde.

Sobre os 65 anos da SPAIC, sente orgulho por pertencer a uma Sociedade que tanto cresceu ao longo dos anos, “sendo, atualmente, muito ativa e viva, com

peças muito motivadas e com grandes conhecimentos científicos”.

A Luís Delgado, o atual presidente, deseja “as melhores felicidades e que leve a SPAIC e os seus membros a tornarem-se cada vez melhores”. Quanto ao seu perfil, vê-o como um profissional “muito competente e com enormes qualidades humanas, que certamente muito fará pela SPAIC”.



Perfil



Marianela Vaz licenciou-se em Medicina na FMUP, em 1965, e realizou o Internato Geral e o Internato Complementar de Medicina Interna no Hospital de São João. Foi ainda especialista de Medicina Interna de 1971 a 1978 e, desta data a 1985, chefe de serviço de Medicina Interna no mesmo hospital.

Começou a interessar-se pela Imunoalergologia em 1971, tendo obtido o título de especialista em Imunoalergologia por consenso em 1984, quando a especialidade foi reconhecida pela Ordem dos Médicos.

Foi presidente do Colégio de Especialidade de Imunoalergologia de 1990 a 1993 e *member-at-large* do Comité Executivo da Academia Europeia de Alergia e Imunologia Clínica. Chegou também a ser presidente da Associação Portuguesa de Asmáticos durante 2 mandatos.

Atualmente, faz clínica privada e dedica os tempos livres à neta e a fazer caminhadas.

Segundo Marianela Vaz, a Imunoalergologia melhorou bastante com os novos conhecimentos e terapêuticas, as novas formas de abordar a doença e o doente.

Marianela Vaz sente orgulho por pertencer a uma Sociedade que tanto cresceu ao longo dos anos, “sendo, atualmente, muito ativa e viva, com pessoas muito motivadas e com grandes conhecimentos científicos”.

Celso Chieira, presidente da SPAIC de 1993 a 1995

A REFORMULAÇÃO DOS ESTATUTOS E A SUA PUBLICAÇÃO EM *DIÁRIO DA REPÚBLICA*

O alargamento do número de prémios científicos, o processo de legalização dos estatutos e a edição do Diretório de Sócios foram as três metas principais do mandato de Celso Chieira. Relativamente ao futuro da Imunoalergologia, acredita que “será o próprio doente quem virá a ter a capacidade de uma correta opção pela especialidade que melhor e mais eficazmente responderá na sua doença.”

Celso Chieira foi presidente da SPAIC entre 1993 e 1995. Após a identificação de várias necessidades na gestão e progressão da Sociedade, foram elencadas algumas “linhas programáticas que serviram de base de trabalho ao longo dos três anos de mandato”. “Destaco três: o alargamento do número de prémios científicos; o registo notarial e posterior publicação em *Diário da República* dos Estatutos da Sociedade; e a edição do *Diretório de Sócios* da SPAIC.”

Quanto ao primeiro ponto, na altura, no domínio da Imunoalergologia, somente se dispunha de um prémio científico para, de dois em dois anos, distinguir um trabalho relevante. Celso Chieira assumiu assim o compromisso de incentivar a criação de bolsas e outras formas de apoio, distinguindo projetos “com mérito reconhecido”. Com essa finalidade, e em colaboração com três firmas da indústria farmacêutica, acordou-se a concessão de apoios financeiros, premiando trabalhos de vária índole. A produção científica da especialidade também foi uma aposta, sobretudo, nas camadas mais jovens, abaixo dos 36 anos.

A reformulação dos Estatutos, a sua ulterior aprovação em Assembleia-Geral, no Porto, a que se seguiu, em junho de 1995, a sua outorga pela Direção e a publicação em *Diário da República*, foram passos obrigatórios e decisivos. “Esta legalização traria inegáveis benefícios, designadamente no âmbito da fiscalidade – recordo que as novas leis da transparência fiscal já estavam em vigor e outras logo vieram –, adequando-se assim às exigências fiscais nos apoios da indústria farmacêutica para

os diferentes eventos e possibilitando maior autonomia e capacidade de gestão à *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*, órgão oficial da SPAIC, na altura em situação de pré-rutura editorial.”

O *Diretório de Sócios* da SPAIC, primeira e única edição em suporte de papel, foi editada em dezembro de 1995. Celso Chieira destaca “que o *Diretório* foi fruto do empenho do Dr. Carlos Nunes, que visava facilitar a comunicação entre os sócios, através do melhor conhecimento das suas atividades na investigação e das suas áreas e locais de desempenho”.

Também durante o mandato tiveram lugar os congressos anuais e as reuniões intercalares. As reuniões anuais ocorreram no Porto, Curia e Carvoeiro. Esta última, também com colaboração de Carlos Nunes, realizou-se em fevereiro de 1995. “A reunião do Carvoeiro, no Hotel Almansor, pensada numa perspetiva de descentralização, foi uma excelente iniciativa científica, envolvendo mais de 200 participantes”, aponta.

E continua: “Mais do que isso, houve uma interligação com as escolas primárias da zona, dinamizada pela Dr.ª Susel Ladeira, tendo sido apresentados mais de 80 trabalhos, sob a forma de desenhos e cartazes elaborados pelas crianças sobre doenças alérgicas e, em especial, sobre a asma.”

Foi este o modelo comunicativo, projetado há 20 anos, que procurava aproximar a SPAIC de uma população alvo – crianças neste caso –, sensibilizando-a para a prevenção das doenças alérgicas, em geral, e da asma, em particular.

Celso Chieira gosta também de relembrar a presença constante durante o mandato em mesas-redondas e conferências da especialidade no Programa Científico das Jornadas Pneumológicas de Coimbra, organizadas por Robalo

Cordeiro, e das quais foi secretário-geral durante os primeiros 15 anos da sua realização.

Neste mandato, a representação internacional da SPAIC esteve a cargo de Palma-Carlos, que foi eleito presidente do *Board of Allergology* da UEMS em 1995.

Os 65 anos da SPAIC são, na sua opinião, sinal da vitalidade da Sociedade. “Os mais de 40 anos de intervenção na especialidade, assumindo responsabilidades no Colégio, na SPAIC e ainda na



BLICA

Unidade, mais tarde serviço hospitalar, não nos deixam alheios ao que de bom e menos bom se passou na já longa vida da Sociedade e, obviamente, da especialidade que a fundamenta." No entender de Celso Chieira, "a história da SPAIC confunde-se, naturalmente, com a especialidade, tendo-se fortalecido à medida que ela se implanta e cresce".

Apesar de desconhecer os primórdios da criação da SPAIC, conheceu vários nomes de médicos que, à época,

praticavam Alergologia com sucesso, fundamentada em conhecimentos empíricos, sobretudo oriundos de França e de Espanha. "A opção de França nos anos 60/70, como porta de entrada e de entendimentos, abrindo caminhos ou sugerindo futuras opções a muitos alergologistas portugueses, através de estágios em escolas reconhecidas desse país – e entre as quais nos incluímos –, foi a mais adequada para a época, face ao avanço estrutural que a França na altura detinha, a par do inegável

prestígio da Medicina francófona em todo o mundo."

Olhando para trás, o responsável não esquece a génese da especialidade de Imunoalergologia em Portugal nos anos 60/70, com fundamentos científicos. "Deveu-se, incontestavelmente, à ação do Prof. Palma-Carlos. A sua intervenção ocorreu exatamente no tempo em que se começavam a dar os primeiros passos estruturados em diferentes núcleos localizados nos hospitais universitários e foi pivô de todas as decisões importantes no difícil caminho da Imunoalergologia em Portugal."

Atualmente, a especialidade debate-se com dificuldades de preenchimento de quadros hospitalares. "As administrações hospitalares parecem não ter sensibilidade para reconhecer o caráter multissistémico da especialidade." O que se segue não sabe. Mas acredita que, "estando-se a assistir a uma alteração do paradigma entre a Medicina pública e a privada, será o próprio doente quem virá a ter a capacidade de uma correta opção pela especialidade que melhor e mais eficazmente responderá na sua doença."

O que é essencial face ao aumento da incidência e da prevalência da patologia respiratória no grupo etário em idade pré-escolar, e não só, e ao facto de a alergia alimentar e a fármacos constituírem outras áreas de maior procura de cuidados.

Em relação ao atual presidente, Luís Delgado, salienta que tem de ter em conta que há desafios que a Imunoalergologia ainda enfrenta: "Em primeiro lugar, ser reconhecida pela tutela como uma especialidade que contribui para uma maior racionalização dos recursos na saúde, pela possibilidade ímpar de intervir em todas as faixas etárias e em patologias com envolvimento multiorgânico. A Imunoalergologia, por ser mais recente e com menor representatividade médica, é vítima desta menoridade face a outras ditas afins."

"A história da SPAIC confunde-se, naturalmente, com a especialidade, tendo-se fortalecido à medida que ela se implanta e cresce."

"Estando-se a assistir a uma alteração do paradigma entre a Medicina pública e a privada, será o próprio doente quem virá a ter a capacidade de uma correta opção pela especialidade que melhor e mais eficazmente responderá na sua doença."

Perfil



Celso Moreira dos Santos Chieira nasceu em 1940, na Bairrada. É médico especialista de Pneumologia desde 1975 e de Imunoalergologia desde 1987.

Além disso, foi membro do Colégio de Pneumologia, presidente da Comissão de Trabalho de Alergologia Respiratória, presidente do Colégio da Imunoalergologia (três mandatos), presidente da Direção da SPAIC, presidente da Assembleia-Geral da SPAIC (três mandatos), chefe de serviço de Imunoalergologia dos HUC (1981-2010) e diretor do Serviço de Imunoalergologia dos HUC (2003-2010).

Celso Chieira refere que, algum tempo antes da aposentação, aos 70 anos, questionava-se sobre o que fazer a seguir. "Tinham sido 40 anos sempre com a mesma rotina: hospital de manhã e consultório à tarde. Sobretudo as manhãs preocupavam-me."

Atualmente, o especialista mantém algumas tertúlias, o gosto pelo futebol (sócio da Académica há mais de 50 anos) e o consultório.

"A rotina de passar dias na aldeia bairradina onde mantenho casa de família e algumas propriedades vinhateiras (pertença à Confraria de Enófilos da Bairrada há mais de 25 anos) consome-me muito tempo. Também a caça que pratico há cerca de 50 anos constitui um ótimo lenitivo para o tempo de inverno", afirma, acrescentando, contudo, que "tem sido a disponibilidade para a família e o aproveitamento das netas "o que mais continua a contar".



Rosado Pinto, presidente da SPAIC entre 1996 e 1998:

“EXISTE SEMPRE UM TRABALHO DE CONTINUIDADE NÃO APENAS DE CUNHO PESSOAL”

A preparação da Reunião da Academia Europeia de Alergia e Imunologia Clínica (EAACI), no ano 2000, foi o principal desafio do mandato de Rosado Pinto. Entre 1996 e 1998, a SPAIC ficou responsável por organizar o evento mais importante da especialidade. Apesar dos vários obstáculos, o Congresso – que decorreu no mandato seguinte – foi um sucesso e Rosado Pinto aproveitou para estreitar relações internacionais e dar a conhecer o trabalho dos especialistas portugueses além-fronteiras.

“Mal iniciei o mandato, fui a uma reunião a Budapeste e fiquei a saber que a SPAIC teria de organizar um congresso para seis mil pessoas”, afirma Rosado Pinto. Uma boa notícia que não deixava de ser preocupante. “A proposta para sermos o país anfitrião foi lançada pelo Prof. Palma-Carlos, do Executivo da EAACI, pressupondo-se que se iria aproveitar o espaço da Expo 98 para organizar o evento.”

O problema é que, quando se decide que Lisboa seria a cidade anfitriã, faltava pouco tempo para a Expo 98 e as obras, aparentemente, não avançavam. “Chegou-se a pensar que seria o caos, porque parecia que a Expo não iria acontecer.” Mas o evento acabou mesmo por se realizar, com todo o sucesso, em 2000, durante o mandato de Graça Castel-Branco.

Outra aposta a destacar no seu mandato foi a internacionalização da SPAIC, iniciada no tempo de Antero Palma-Carlos. “Existe sempre um trabalho de continuidade, não apenas de cunho pessoal”, diz Rosado Pinto. As relações estabelecidas por causa do Congresso da EAACI também permitiram um aprofundar dos contactos, nomeadamente com as sociedades congéneres brasileira, espanhola, italiana, argentina e latino-americana.

As consequências para a especialidade de Imunoalergologia foram, naturalmente, positivas. “Estas iniciativas trazem sempre mais-valias para o país, principalmente na valorização da espe-

cialidade e também na forma como são um chamativo para se falar nos *media* sobre alergias, como aconteceu com a apresentação do *Livro Branco Europeu das Alergias*, em 1998”.

Quanto à evolução das doenças alérgicas, Rosado Pinto está satisfeito. “Portugal é um dos países do mundo em que as doenças respiratórias e as alérgicas estão bem controladas.” E dá um exemplo: “Há mais de sete anos que, oficialmente, não morre uma criança com asma em Portugal.”

Contudo, não deixa de ficar preocupado com a dificuldade de contratação de mais quadros em Imunoalergologia pelo Serviço Nacional de Saúde. No seu entender, deve-se ainda apostar no diagnóstico das alergias alimentares e medicamentosas em centros de referência. Refletindo sobre os 65 anos da SPAIC, Rosado Pinto relembra que é das sociedades mais antigas, “com uma aposta muito forte na qualidade, que deve continuar, principalmente na formação dos jovens especialistas”. A publicação de trabalhos científicos e a internacionalização são dois aspetos fulcrais em que é necessário continuar a apostar.

Ao atual presidente da SPAIC, Luís Delgado, aponta a sua formação académica e internacional, particularmente na EAACI, que vai trazer à SPAIC mais-valias importantes. “A confirmação da organização de uma nova reunião anual da EAACI em Lisboa, num futuro próximo, é disso consequência.”



UIDADE,



Perfil



As relações estabelecidas por causa do Congresso da EAACI também permitiram um aprofundar dos contactos, nomeadamente com as sociedades congéneres brasileira, espanhola, italiana, argentina e latino-americana.

Com 69 anos, Rosado Pinto é coordenador da Imunoalergologia do Hospital da Luz, consultor da Direção-Geral da Saúde, membro da Comissão de Ética da EAACI (*European Academy of Allergy and Clinical Immunology*) e membro do Grupo de Planeamento da Aliança da OMS GARD.

Com funções internacionais, continua a acreditar que é preciso estabelecer contactos permanentes com diversas entidades, para que se consiga alertar para a importância da especialidade e para o problema das doenças alérgicas.

Apaixonado pela sua profissão, foi fundador e corresponsável pela organização de cursos de férias de crianças asmáticas no projeto “As Semanas mais Alegres”, em colaboração com a Escola Superior de Educação João de Deus, a Câmara Municipal de Gouveia, o Parque Natural da Serra da Estrela e a AstraZeneca (1990-2006).

Os *hobbies* principais são ouvir música clássica e apoiar os netos.

“Portugal é um dos países do mundo em que as doenças respiratórias e as alérgicas estão bem controladas.” E Rosado Pinto dá um exemplo: “Há mais de sete anos que, oficialmente, não morre uma criança com asma em Portugal.”

Maria da Graça Castel-Branco, presidente da SPAIC entre 1999 e 2001

LANÇADO PROGRAMA NACIONAL DE CONTROLO DA ASMA EM ÉPOCA DE 50.º ANIVERSÁRIO DA SPAIC

O lançamento do Programa Nacional do Controlo da Asma marcou o início do mandato de Maria da Graça Castel-Branco. A responsável fala sobre esta decisão importante para os doentes portugueses, mas também recorda, por exemplo, a realização do XIX Congresso da Academia Europeia de Alergia e Imunologia Clínica (EAACI), que teve lugar em Lisboa.



TROLO DA ASMA

Após a publicação do documento “Saúde, um compromisso – A estratégia da saúde para o virar do século [1998 – 2002]”, a asma passou a ser considerada, pelo Ministério da Saúde, como doença prioritária. Este compromisso governamental foi o primeiro passo para o lançamento do Programa Nacional de Controlo da Asma. “Até então, a asma não era prioritária e o Programa permitiu agilizar esforços para que se desse uma melhor assistência à população.”

Além deste ponto marcante no mandato de Maria da Graça Castel-Branco, destacou-se ainda a celebração do 50.º aniversário da SPAIC (1950 – 2000), que ficou registado na *Revista Portuguesa de Imunoalergologia* com um pequeno texto da sua autoria, em que se faz um resumo da história da Sociedade e onde se homenageiam os sócios fundadores. A publicação do *Livro Branco “Futuro da Imunoalergologia em Portugal, no horizonte do ano 2005”*, com edição em maio de 2000, representou outro momento do seu mandato a assinalar.

O XIX Congresso da Academia Europeia de Alergologia e Imunologia Clínica (EAACI) ocorreu também durante o seu período de direção, em Lisboa, entre 1 e 5 de julho de 2000. “Foi um evento fantástico, que deu uma grande visibilidade à SPAIC, ao país e à problemática das doenças imunoalérgicas. Foi o congresso dos recordes da EAACI até àquele momento, em termos de número de participantes e de comunicações científicas apresentadas”. Maria da Graça Castel-Branco fez parte do Comité Organizador Local, como *chairperson* do Comité Científico.

O Dia Mundial da Asma, em 2000, é outro momento recordado. “Lembro-me desse ano em particular, porque foi feita uma edição especial da *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*, com textos de doentes asmáticos que testemunharam a sua vivência da doença que ainda hoje me emocionam, quando os releio”. Entre conhecidos e

desconhecidos, a atleta Rosa Mota foi uma das autoras e é no seu texto que se encontra a expressão “Vamos correr com a asma!”.

Um projeto científico, a nível nacional, envolvendo alergologistas e médicos de família, “Redefinindo a Rinite – RDR 2000”, determinou a prevalência da rinite em Portugal Continental durante o ano de 1998, sendo coordenado pela então presidente da SPAIC. Os seus resultados foram apresentados no XIX Congresso da EAACI, em Lisboa, e foram publicados na revista *Allergy*, órgão oficial da Academia.

“A investigação básica está descurada, por causa dos elevados custos associados, mas é preciso investir, porque os trabalhos apresentados ficam-se muito pela clínica.”

Fazendo um balanço atual da Imunoalergologia, Maria da Graça Castel-Branco considera que “tanto o meu mandato como o anterior foram épocas que deram grande visibilidade à especialidade, porque foi preciso sensibilizar o Ministério da Saúde, diversas entidades e a população”. Fruto desse trabalho, “hoje em dia, sabe-se de que forma a doença alérgica pode afetar os olhos, a pele, o nariz, os brônquios, o intestino e quem pode tratar destes problemas no seu todo.”

Quanto à formação de novos especialistas, houve uma melhoria significativa que a responsável espera não ser posta em causa devido às dificuldades de contratação que, devido à crise, se sentem no setor público.

Na investigação clínica, é com satisfação que vê muito trabalho nesta área, mas deixa um alerta: “A investigação básica está descurada, por causa dos elevados custos associados, mas é preciso investir, porque os trabalhos apresentados ficam-se muito pela clínica.” Espera ainda que a rede de referência a nível nacional se venha a desenvolver, tornando a especialidade mais próxima das pessoas. “Os doentes têm direito a esta rede, principalmente numa altura em que as doenças alérgicas estão a aumentar.”

Relativamente aos 65 anos da SPAIC, é com satisfação que vê os avanços e os progressos alcançados e espera que a luta por uma melhor assistência nas doenças alérgicas, com mais qualidade e equidade, continue a fazer parte dos objetivos teóricos e práticos da Sociedade.

Deixando uma mensagem a Luís Delgado, o presidente atual, recorda que foi seu secretário-geral: “Conheço-o muito bem e sou muito sua amiga. Pela competência e entusiasmo que lhe reconheço, a SPAIC está em muito boas mãos. Espero que mantenha a união de todos os imunoalergologistas no mesmo objetivo, para bem dos nossos doentes.”

Perfil



Maria da Graça Castel-Branco nasceu em Espinho, gosta de sentar a família à mesa e de cozinhar. Um almoço no Parque Nacional Peneda/Gerês é um dos momentos que guarda com mais saudade. Adora participar em “viagens radicais”, relembrando com especial carinho as que foram feitas ao deserto, ao Douro, aos parques naturais de Espanha, aos Pirenéus e aos lagos italianos. “Uma vez fui atrás de um grupo de *motards*, levando no jipe as respetivas mochilas, o que constituiu um hino à vida.”

Gosta também de desporto e, entre os 15 e os 21 anos, foi campeã nacional, com acesso à Taça dos Campeões Europeus, no Sporting Club de Espinho. A leitura é outro *hobby*, assim como a escrita das crónicas das suas viagens e de cinema. Falta-lhe “viajar sem pressa, por esse mundo fora, e fazer teatro”, pois, a Medicina fez com que “o mundo perdesse uma grande atriz”.

Depois de muitos anos dedicados à Imunoalergologia e de ter sido sócia fundadora da Associação Portuguesa de Asmáticos, é, atualmente, médica na CUF Porto.

Ana Todo-Bom, presidente da SPAIC entre 2002 e 2004

CRIADA A REDE PORTUGUESA DE AEROBIOLOGIA NUMA FASE DE CONTINUIDADE, MAS COM

Foi no mandato de Ana Todo-Bom que se criou a Rede Portuguesa de Aerobiologia, com um financiamento próprio que permite, hoje em dia, ter um boletim polínico acessível a toda a população. Estes e outros projetos marcaram a presença da especialista à frente da SPAIC, que primou “pela continuidade e pela inovação”.

Ana Todo-Bom foi presidente da SPAIC entre 2002 e 2004. Das várias iniciativas de continuidade ou de inovação, faz uma referência sequencial às que considera mais importantes, quer pela novidade, quer pelo impacto que, na sua opinião, tiveram na SPAIC e na Imunoalergologia em Portugal.

Destaca, assim, a aquisição e a inauguração da sede em Lisboa, onde ficou instalado o secretariado até hoje e onde se encontra uma parte significativa dos momentos históricos da Sociedade. Esta opção teve também por objetivo “disponibilizar um espaço que contribuísse para fortalecer a identidade da SPAIC e estimular uma participação mais ativa dos seus sócios”.

Outro marco assinalado foi a criação da Rede Portuguesa de Aerobiologia, em 2002. No âmbito deste projeto, foram implementadas contagens polínicas diárias, efetuadas com captadores volumétricos de sucção, em cinco cidades do Continente e na cidade do Funchal, estabelecidos protocolos de colaboração com as universidades de Coimbra, Évora e Algarve e ainda com a indústria farmacêutica, que passou a suportar as despesas desta Rede. Os resultados das contagens passaram a estar também acessíveis na página *web* da SPAIC.

Foi ainda decidida, no seu mandato, a realização anual da Reunião da Primavera, que se iniciou em 2002 e que se mantém desde essa data de forma ininterrupta, assim como a criação dos grupos de interesse da SPAIC e a regulamentação do seu funcionamento.

Mais, “foram garantidos os elevados índices de qualidade da *Revista Portuguesa de Imunoalergologia* e o cumprimento da periodicidade da publicação, que a partir de 2003 passou a ter sempre quatro números anuais”.

A responsável relembra ainda que “se estabeleceu uma estreita relação entre a SPAIC e a Sociedade Brasileira de Alergia e Imunopatologia (SBAI), tendo sido elaborados os estatutos da organização brasileira, que viriam a ser aprovados

nas respetivas assembleias-gerais, que previam rotatividade da presidência e da vice-presidência”.

Outros momentos-chave do mandato de Ana Todo-Bom foram a publicação do *Atlas de Imunoalergologia*, a realização

e publicação do Mapa Acarológico Nacional e a edição do *Manual educacional do doente alérgico*. A concretização de um estudo epidemiológico, com base em inquérito telefónico, relativo à prevalência e caracterização da rinite na po-



OGIA, INOVAÇÃO

pulação portuguesa e de outro dirigido a doentes adultos, através da aplicação direta de inquéritos em centros de saúde, também aconteceu enquanto esteve à frente da SPAIC. Neste período, a médica também conseguiu que fossem aceites *major sponsors* nas reuniões da SPAIC e clarificados os princípios subjacentes a essa condição.

Em termos internacionais, a responsável lembra igualmente a vinda do presidente da *World Allergy Organization* (WAO) a Portugal e a criação do programa de formação GLORIA. A Direção da SPAIC também preparou um *dossier* de candidatura de Lisboa à Reunião WAO-2009, embora não tenha sido escolhida para concretizar esse evento.

“Em termos de continuidade, a nível nacional, mantivemos as reuniões científicas anuais, pautadas por qualidade e exigência, a rotatividade entre norte, centro e sul, assim como a colaboração com os serviços de Imunoalergologia mais representativos das regiões onde eram realizados esses encontros.” Manteve-se ainda o apoio à implementação do Programa Nacional de Controlo da Asma, em colaboração com o Ministério da Saúde e abrangendo as ARS.

Quanto à evolução das doenças alérgicas ao longo dos últimos anos, Ana Todo-Bom afirma que o seu aumento é uma realidade mais do que evidente. “É um dado adquirido. E se anteriormente se falava apenas dos países desenvolvidos, hoje em dia, qualquer nação é afetada pelas doenças do foro alérgico e com as mais variadas manifestações.” E continua: “Além disso, têm aparecido formas de alergia com manifestações mais graves e, por isso, mais preocupantes.”

No que diz respeito à Imunoalergologia, a especialista realça os avanços no conhecimento da fisiopatologia da doença e na composição dos alérgenos que estão na sua origem, apesar de o tempo não correr como se previa. “Infelizmente, a investigação nos meios de diagnóstico e tratamento por que ambi-

cionamos, nomeadamente, a nível molecular, não têm sido tão céleres quanto desejávamos, mas a nossa expectativa é que os avanços continuem.”

Ana Todo-Bom chama a atenção para o facto de a complexidade atual das doenças alérgicas exigir cada vez mais tempo, mais meios de diagnóstico e, conseqüentemente, mais médicos imunoalergologistas. “A este nível, verifica-se que, ao longo dos anos, os decisores políticos nem sempre têm tido o posicionamento que melhor serve os doentes alérgicos em Portugal.”

Quanto aos 65 anos da SPAIC, “uma das sociedades mais antigas, só pode ser motivo de orgulho”. Ana Todo-Bom realça a coragem de quem inicialmente lutou por uma área desconhecida, mesmo entre pares, e que foi alvo de grandes resistências.

Sobre o atual presidente, salienta “o seu carácter, o seu profissionalismo e o seu percurso académico e clínico, que traz grandes mais-valias à SPAIC”. No seu entender, tem feito um bom trabalho, “de harmonia”, pois, “a afirmação das pessoas deve ser feita pela positiva.”

Espera ainda que o atual presidente mantenha a Sociedade aberta a outras especialidades, que incentive a investigação nacional e que intensifique a colaboração de sociedades estrangeiras, nomeadamente europeias, “para que os jovens sintam que a Europa é a sua casa”.

“Em termos de continuidade, a nível nacional, mantivemos as reuniões científicas anuais, pautadas por qualidade e exigência, a rotatividade entre norte, centro e sul, assim como a colaboração com os serviços de Imunoalergologia mais representativos das regiões onde eram realizados esses encontros.”

Eventos no mandato de Ana Todo-Bom

- *Summer Course* da EAAC - “Aerobiologia e Ambiente”, Funchal, 2004;
- *Symposium International Méditerrané sur Allergie* - “Qualidade do ar (interior e exterior) e saúde”;
- *Allergy Forum South Europe*, que teve lugar em Portugal, com as direções das sociedades Portuguesa, Espanhola e Italiana, que prepararam a formação do *Southern European Allergy Societies* - SEAS;
- 1.ª Reunião do Capítulo Ibérico da SLAAI durante a Reunião Anual da SPAIC de 2004, tendo a SPAIC mantido uma relação privilegiada com a EAACI, WAO, Intersma SEAIC e sociedades espanholas regionais. A SPAIC iniciou a sua representação com um *stand* na *Society Village*, nos congressos da EAACI.

Perfil



Fernando e Sara são os dois filhos de Ana Todo-Bom. Além da vida familiar, “que muito preza”, é diretora do Serviço de Imunoalergologia do CHUC desde 2013 e integra o Comité Científico da *Revista Portuguesa de Imunoalergologia* e da *European Annal of Allergy and Clinical Immunology*.

Com especial interesse na problemática da asma, realizou o doutoramento em Ciências da Saúde, ramo de Medicina/ Pneumologia no ano de 2008, com a tese sobre “Asma de longa evolução – condicionalismos do envelhecimento”. Além da atividade como docente, destaca-se igualmente a posição de coordenadora, em Portugal, da *Global Allergy and Asthma European Network* - GA2LEN, desde 2005.

Foi também vice-presidente da Sociedade Luso Brasileira de Alergologia e Imunologia Clínica, membro fundador da SEAS – *South European Allergy Society*, membro de comités institucionais da SLAAI, da *World Allergy Organization House of Delegates* e da EAACI *Task Force on Allergy and Clinical Immunology Services in Europe*. Coordenadora de formadores do projeto GLORIA da *World Allergy Organization*, foi membro do Grupo de Trabalho do PNCA - Programa Nacional do Controlo da Asma e do Conselho Científico do Programa Nacional para as Doenças Respiratórias.

O seu vasto currículo inclui o cargo de vogal do Conselho Científico da Fundação Portuguesa do Pulmão, do *WHO Collaborating Center on Asthma and Rhinitis*, em Portugal, e a colaboração no Plano Nacional de Saúde 2004-2010.

Mário Morais de Almeida, presidente da SPAIC entre 2005 e 2013

AMPLIAÇÃO DA REDE PORTUGUESA DE AEROBIOLOGIA E CONCLUSÃO DO MAPA ACAROLÓGICO NACIONAL

Mário Morais de Almeida esteve à frente da SPAIC durante três mandatos. Um período longo, mas que foi “vivido com alegria”. Entre os trabalhos que mais se destacaram estiveram a divulgação e a progressiva ampliação da Rede Portuguesa de Aerobiologia e a conclusão e apresentação do Mapa Acarológico Nacional.

Exerceu o cargo de presidente da Direção da SPAIC em três mandatos consecutivos, de 2005 a 2013, tendo sempre como visão “honrar quem o precedeu e quem confiou em si”.

Mário Morais de Almeida recorda que “durante este período, num verdadeiro trabalho de equipa, envolvendo os recursos mais valiosos, que são os sócios da SPAIC, foi possível concluir, desenvolver e implementar múltiplos projetos, os quais são a razão da existência de uma sociedade científica como a SPAIC”.

Os três mandatos ficam também marcados pelas múltiplas parcerias que foram mantidas, desenvolvidas e aprofundadas, nacional e internacionalmente, com sociedades da mesma área do conhecimento ou outras de interesses comuns. Como exemplos, indica associações de doentes, autoridades da área da saúde, autarquias e instituições escolares, do ensino básico às universidades, ou até órgãos de comunicação social, entre muitas outras entidades públicas e privadas.

“Colocou-se a SPAIC na agenda da sociedade, o que nos pareceu corresponder à expectativa e satisfação dos sócios”, salienta.

A divulgação e a progressiva ampliação da Rede Portuguesa de Aerobiologia, a

conclusão e a apresentação do Mapa Acarológico Nacional, uma nova edição do Livro Branco sobre a Imunoalergologia, agora no Horizonte do ano 2020, são alguns dos projetos que Mário Morais de Almeida considera emblemáticos.

Mas enumera outros: “A promoção e financiamento de estudos epidemiológicos com relevância global traduzida em várias publicações de elevado impacto;

“Num verdadeiro trabalho de equipa, envolvendo os recursos mais valiosos, que são os sócios da SPAIC, foi possível concluir, desenvolver e implementar múltiplos projetos, os quais são a razão da existência de uma sociedade científica como a SPAIC.”

ações de formação dirigidas aos sócios e a muitos outros profissionais, em particular da área da saúde; a produção de material educacional para o doente alérgico nas suas várias facetas.”

Estas são, no seu entender, “apenas algumas das referências de uma viagem longa, mas que foi vivida com alegria e com muita satisfação, por servir uma instituição com uma vida superior à nossa, mantendo juventude e criatividade na sua ação”.

Entre todos os projetos em que esteve envolvido, Mário Morais de Almeida dá especial enlevo às iniciativas da SPAIC para que fossem criadas as condições para permitir gerir adequadamente a anafilaxia em Portugal, viabilizando a existência de normas de orientação clínica. Registam-se ainda outros momentos importantes, como a participação ativa em grupos de trabalho com a Direção-Geral da Saúde e a Ordem dos Médicos, “que tornou a SPAIC numa entidade de notificação e referenciação obrigatória, algo em que o nosso país se tornou pioneiro”. Mas aquela que considera uma das aquisições mais relevantes foi a participação no desenvolvimento e implementação do Catálogo Português de Alergias e Reações Adversas (CPARA): “Foi um desafio dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde, a que correspon-

demos com entusiasmo e que continua o seu trajeto, salientando bem a capacidade de intervenção desta área do saber médico, ao contribuir significativamente para a promoção e qualidade na prestação de cuidados aos cidadãos com doenças alérgicas.”

Paralelamente, contando com secretariado próprio, garantiu-se a realização de reuniões anuais, promoveu-se e apoiou-se as atividades dos grupos de interesse, mantiveram-se as representações institucionais e assegurou-se em tempo útil a publicação da *Revista Portuguesa de Imunoalergologia*, garantindo, simultaneamente, as condições para a existência de um novo órgão oficial da SPAIC, na forma de uma revista inde-



Perfil



Com 52 anos, é casado e tem duas filhas. Conhecido pelo contacto permanente com a comunicação social, é coordenador do Centro de Alergia CUF, em Lisboa.

É especialista em Alergologia e Imunologia Clínica, mas também de Gestão de Unidades de Saúde, pela Ordem dos Médicos.

Com uma vida bastante dinâmica, enquanto foi presidente da SPAIC, conjugou esse projeto com outros, tendo sido presidente do Colégio da Especialidade de Imunoalergologia da OM, presidente da Sociedade Luso-Brasileira de Alergia e Imunologia Clínica, presidente da Sociedade de Alergia do Sul da Europa, vice-presidente da Sociedade Latino-americana de Alergia, Asma e Imunologia, vice-presidente da Fundação Portuguesa do Pulmão e vice-presidente da Associação Portuguesa de Asmáticos e Alérgicos.

xada, o *European Annals of Allergy and Clinical Immunology*.

As doenças alérgicas, com um impacto social e individual cada vez mais relevante, vão continuar a ser uma área de gestão muito desafiante, segundo Mário Morais de Almeida. "Assim exista saber, estratégia e espírito de missão para garantir o papel relevante que a SPAIC deverá continuar a desempenhar", observa Mário Morais de Almeida, acrescentando:

"As doenças alérgicas podem e devem ser bem controladas e controlo significa qualidade de vida, a pessoa dormir bem, não se cansar, poder estudar, trabalhar, ter uma vida social normal, rir, fazer exercício ... é esquecer as alergias e vi-

"Garantimos a quem nos sucedeu a transmissão de um legado de prestígio e solidez, quer do ponto de vista científico, quer organizacional, quer de recursos."

ver com alegria. E tudo se torna mais fácil se existirem profissionais que, ao organizarem-se em redes de colaboração, se unam para garantir estes direitos."

Muitos projetos foram assim desenvolvidos, apesar de os três mandatos terem sido "vividos em período de indiscutível conturbação social e económica". Nada que assustasse Mário Morais de Almeida, que conclui: "Como seria de esperar, a sempre jovem SPAIC continuou a crescer, como se pode ver no atual mandato do Prof. Luís Delgado. Garantimos a quem nos sucedeu a transmissão de um legado de prestígio e solidez, quer do ponto de vista científico, quer organizacional, quer de recursos, e cumpriram-se a missão."